

LIVROS & REVISTAS

LITERATURA VIVA DA ÁFRICA E DA ÁSIA

Afro-Asian Writings. A quartely published by the Permanent Bureau of Afro-Asian Writers. Vol. I, n.ºs 1, 2-3. Cairo.

Destinada a "uma maior divulgação da literatura afro-asiática", esta revista, editada no Cairo pelo Bureau permanente de Escritores Afro-Asiáticos, teve o seu primeiro número publicado em março de 1967, e em 1968 voltou a circular, em número duplo.

Do expediente da revista constam, entre outros, os nomes de Youssef el Sebair, na qualidade de editor-chefe, e de Morsi Saad Eddin, Edward El Kharat como editores individuais. Apresentando excelente padrão gráfico, o órgão do Bureau Permanente dos Escritores Afro-Asiáticos circula no Ocidente em edição em língua inglesa e oferece versões de trabalho literários originalmente elaborados em idiomas africanos ou asiáticos.

O número inaugural de *Afro-Asian Writings* traz, entre os seus colaboradores, Leopoldo Senghor, Mulk Raj Anand, Gabriel Okara, Youssef El-Sebai e Youssef Idriss. Bastaria a presença do grande poeta Leopold Senghor, hoje também presidente do seu país, o Senegal, para demonstrar o alto nível da publicação. Bem conhecido no Ocidente é, pela mesma forma, Mulk Raj Anand, considerado como um dos mais importantes novelistas da Índia contemporânea. Gabriel Okara, por sua vez, desfruta de grande prestígio no elenco de escritores africanos de expressão inglesa. De nacionalidade nigeriana, figura entre aqueles autores africanos mais jovens que se voltam para as fontes nativas, nos seus esforços em favor de uma literatura africana isenta de influências estranhas.

O alto nível da revista vem confirmar-se, plenamente, no segundo número, onde aparecem como colaboradores Mário de Andrade, Agostinho Neto (de expressão portuguesa), Ousmane Socé, do Senegal, D.B. Dhana-pala, do Ceilão, Amrita Prntam, da Índia, Saad El-Khadem, da RAU, Nazek El-Mahaseika, do Iraque, Katzumi Sugamara, do Japão.

Definindo, no primeiro número, o papel de *Afro-Asian Writings*, seu editor-chefe escreve: "Nós, na África e na Ásia, estamos ligados, no passado remoto, por uma herança comum, ao passo que, no passado recente, pelas experiências similares dos nossos jovens, e pelos comuns esforços de recuperação de nossas características nacionais, de conquista da liberdade completa e do desenvolvimento dos nossos povos".

A contribuição de Leopold Senghor toma a forma de ensaio sobre "A Negritude e o Arabismo". Senghor rende, aí, tributo a Leo Frobenius, o famoso etnólogo alemão, cujo pensamento sobre o assunto assim resume: "Para Frobenius, é menos uma questão de oposição entre raças de que entre culturas: o que se acha envolvida é a oposição entre uma civilização mística (etiópica) e uma civilização mágica (hamítica). Esta oposição e evolução da civilização mística para o realismo romântico, assim como da civilização mágica para o realismo racionalista, são explicadas pela História, e acima de tudo, pela geografia".

"Conceito de mentalidade asiática" é o título do ensaio de Mulk Raj Anand. Referindo-se às novas posições prevalentes na Ásia de hoje, escreve o conhecido novelista e ensaísta: "Há certos valores residuais do passado (...), como a visão imaginativa, o univer-

salismo, a tolerância e a compaixão. Esses valores começaram a ser redescobertos através da onda de pan-asiatismo iniciada pelo japonês Okakura, pelo cingalês Ananda Coomaraswamy e pelo indiano Rabindranath Tagore, antes da Primeira Guerra Mundial. Havia resquícios de defensiva contra o poderoso Ocidente, nestes homens, mas eles levaram ao despertar de toda a **intelligentsia** asiática para os seus hábitos mentais tradicionais. Não estou certo se estas características, que vieram do passado, são atuantes em todos os países asiáticos nas atuais condições, mas é por demais claro que, em virtude da recente passagem de muitos países da Ásia para a liberdade política, a comum aspiração de viver e crescer de maneira equilibrada está colocando em jogo tais valores. A formação dos cinco princípios de **coexistência e paz na Ásia** evidencia o desejo de generosidade de uns para com os outros, entre os países da Ásia e do Ocidente".

Faça a densidade da matéria, torna-se impossível descrever e analisar os dois números já publicados de **Afro-Asian Writings**. Abrangendo uma vasta área de preocupações, desde a literatura criadora aos problemas estéticos, o órgão surge no cenário internacional como uma positiva contribuição para o entendimento entre culturas diferentes. Esse papel se realça na definição das modernas correntes que impulsionam a literatura na África e na Ásia, que ainda se acha bem longe de ter tido no Ocidente a merecida divulgação.

N.A.

O BUDA VISTO DO OCIDENTE

Percheron, Maurice, *O Buda e o Budismo* — Coleção "Mestres Espirituais", Livraria AGIR Editora, Rio de Janeiro, 1968 — 2.^a Edição.

Para o leitor do livro em questão a dificuldade está em saber, de antemão, com que tipo de trabalho vai-se defrontar, uma vez que o autor não inclui um prólogo, onde explique seu objetivo, a idéia básica que deseja desenvolver e o plano de trabalho escolhido.

Com o correr da leitura, porém, chega-se à conclusão que M.P. não faz uma obra histórica, nem psicológica ou filosófica propriamente dita, mas usa a cronologia histórica para analisar a Doutrina Budista sob vários pontos-de-vista: seu aparecimento, desenvolvimento, aspectos psicológicos e morais, modificações e difusão.

O importante, porém, para qualquer ocidental será reconhecer que existem diferenças culturais, psicológicas e metodológicas entre os dois mundos, que dificultam para o ocidental a compreensão de certas sutilezas do raciocínio oriental. No que se refere à Doutrina de Buda, o autor a caracteriza como nitidamente indiana, da qual não se deve esperar um desenvolvimento cartesiano ou uma precisão absoluta, uma vez que cada frase é passível de várias interpretações.

Além de ser uma contribuição para o maior conhecimento e compreensão da Doutrina Budista, a obra é valorizada pela inclusão de um quadro histórico, estabelecendo paralelismo entre fatos relativos ao desenvolvimento do Budismo e fatos da História Ocidental e Oriental e por um glossário com termos orientais e específicos do Budismo, cuja importância, numa obra desse tipo, é de grande alcance, possibilitando maior penetração do leitor não só na tese do autor, como também na compreensão do próprio tema apresentado.

A obra se compõe de sete partes, além de Quadro Histórico, do Glossário e da Bibliografia. Fotografias escolhidas dentro do tema ilustram cada uma delas.

A primeira parte apresenta, inicialmente, o quadro religioso da Índia pré-budista, seguidora do Hinduísmo, o qual se apoiava sobre três princípios básicos: o Atmã, o Karma e o Brama. Como Libertação Suprema, concebia-se que atingido o Atma-Brama, pelo sacrifício e piedade, o indivíduo alcançava a libertação de sua natureza e das reencarnações — a Felicidade Suprema.

Observa que os conceitos religiosos da Índia pré-budista eram insuficientes para atender às aspirações do Co-

nhecimento, e para responder à pergunta: "por que vivemos?". É dessa época o desenvolvimento da doutrina Sankhya, praticada pelos ascetas (Yoghins), que revela um aspecto da lenta transformação ocorrida no Hinduísmo, traindo a preocupação do homem com o estado de sua alma e a ausência de uma estrutura que disciplinasse essas aspirações.

Dentro desse contexto o Budismo não pode ser considerado como um fenômeno sobrenatural, nem Buda pode ser olhado como um inovador, pois apenas teria dado forma ao conjunto de conceitos não-formulados, mas existentes paralelamente ao Hinduísmo. Ao mesmo tempo, não pode ser considerado agressivo no seu aparecimento, por se ter desenvolvido numa região de pouca influência indo-europeia (Bihar e Nepal) e por ter a seu favor o interesse dos xátrias em solapar a ascendência social dos brâmanes.

A seguir, em "A vida lendária de Buda", o autor, partindo da localização da terra natal do Bem-Aventurado, descreve seu nascimento maravilhoso, sua vida harmoniosa, onde é conhecido sob o nome de Sidarta Gautama, da família dos Çakyas: seu casamento feliz e sua inquietação interior desde o momento que teve oportunidade de observar os sofrimentos e a futilidade da vida. Chega então ao ponto culminante da vida de Sidarta: o abandono da família e da vida luxuosa, para partir (a Grande Partida) em busca da verdade e do caminho da Libertação. Ao fim de tentativas ascéticas que são abandonadas e de seis anos de meditação, encontra a Árvore da Ciência e penetra na Verdade. Chega assim à conclusão de que todas as misérias da vida se originam do nascimento e do desejo de nascer, e que a única forma de alcançar a Libertação seria anular esse desejo, através de uma vida pura.

Dai a pregação: — o "Sermão de Benares" encerra o seu objetivo principal. Em 40 anos de viagens e ensinamentos, alguns milhares de seguidores. Buda interessa-se principalmente em alcançar os xátrias, casta de elite, uma vez que os brâmanes lhe são hostis e o povo está arraigado a antigas

crenças. Ao morrer (476 a. C.), seus discípulos recebem os últimos ensinamentos e o Buda entra no Nirvana.

Se bem que nessa parte já se percebiam alguns elementos da Doutrina, é em "A Antiga Escola da Sabedoria", que vamos ter a explicação da mensagem do Perfeito. Ela está ligada em suas aspirações espirituais ao bramismo, apesar de se distanciar deste em vários aspectos. O homem pode conquistar sua própria salvação, independentemente da interferência dos deuses. É excluída a presença da casta bramânica, dirigente do ritual, pois o homem é responsável por sua Libertação. A doutrina apresenta-se como uma aspiração universal, estendida ao mundo inteiro.

O tema central desse sistema é a Doutrina do Sofrimento, baseada no conceito de que a origem de toda a dor é o nascimento. Buda teria, como tarefa, não só mostrar aos homens a dor na sua realidade mas também demonstrar-lhes o seu mecanismo e suas causas. Fora da concepção da dor de existir e do sofrimento, a doutrina de Buda não se preocupa com a origem do universo ou com uma possível sobrevivência após a morte.

Torna-se necessário, a essa altura, conhecer um pouco de psicologia freudiana para termos maior compreensão das reações e atitudes ligadas à Doutrina. O elemento psicológico mais aprofundado por Buda foi a noção do Ego para explicar o Desejo, causa de todos os males. Também situa o problema da alma, considerando-a como uma corrente de idéias, estando a consciência de sua existência ausente do indivíduo.

Ainda fazendo parte da Doutrina, temos a exposição do problema do Nirvana. Seria o "estado de conhecimento perfeito" — a Libertação. Partindo da posição tomada por Buda de não esclarecer perfeitamente o seu conceito, detendo-se muito mais no caminho para alcançá-lo e dizendo apenas que não se tratava de um paraiso, o autor mostra as várias interpretações e transformações que aquele tomou até vir a ter mais tarde o sentido de Unidade, de Unificador ou de Deus.

Tôda essa Doutrina, até o século V, pode ser denominada de "Antiga Escola da Sabedoria", devendo porém, ser esclarecido que no século V o Budismo já difere dos ensinamentos transmitidos pelo Bem-Aventurado. É o período em que, sistematizada pelos discípulos e esclarecida em vários pontos, a Doutrina se difunde.

Em "A Nova Escola da Sabedoria", tomamos contacto com a evolução do Budismo, em consequência da inexistência de ensinamentos escritos por Buda (as Escrituras Sagradas foram aprendidas de cor pelos discípulos, e transmitidas por tradição oral até o século II a.C.) das várias interpretações dadas à Doutrina por discípulos importantes (Çariputra e Ananda principalmente), da sua lenta adaptação às condições do povo, da sua sua difusão geográfica.

Deve-se ao rei Açoca, da dinastia Maurya, que reinou na Índia 256 anos após a morte de Buda, a primeira documentação escrita sobre o Budismo, sua maior difusão e codificação através de Concílios. Apesar dessa tentativa de coordenação, a Doutrina aos poucos dividiu-se em seitas rivais, destacando-se o Hinayana e o Mahayana.

Após um período de grande aceitação o Budismo entra em declínio na Índia por volta dos últimos séculos antes da Era Cristã. São apontadas várias causas para esse declínio, destacando-se entre elas: a) seu caráter universal entrando em choque com o nacionalismo que sempre unira os povos da península; b) a ação do Bramanismo, abrindo o rigor de vários dos seus princípios; c) a tolerância de algumas seitas budistas em relação às práticas tradicionais.

A Doutrina acaba desagravando-se progressivamente em contacto com as tradições indianas. Enquanto as populações do sul abandonavam o rigor de seus princípios aos monges, fora da Índia ela encontrava campo propício para desenvolver-se, uma vez que admitia todos os cultos, adaptava-se aos costumes tomando formas peculiares aos países onde se ia implantando. É exatamente esse aspecto que o autor vai abordar em "Os Budismos não-indianos" ao estudar as variações do

Budismo observadas no Tibete, na China, no Japão e em outras partes do mundo.

Com o estudo das artes búdicas, o autor encerra o seu trabalho, de grande utilidade para todos os estudiosos das culturas orientais.

M.T.

ECONOMIA INDIANA

L'Inde Indépendante — Charles Bettelheim — Librairie Armand Colin — 1962 — Paris

O livro do economista Charles Bettelheim constitui, sem dúvidas, um dos melhores estudos já efetuados sobre a economia indiana, a partir de 1947.

Inicialmente, o autor apresenta uma introdução sumária, onde analisa a atuação do Congresso Nacional Indiano, desde o seu surgimento, em 1885 e, particularmente, entre os anos de 1928 e 1937, em prol da independência da Índia, a agitação correspondente ao período da Segunda Guerra Mundial, durante o qual se destacam as figuras de Gandhi e Nehru, os efeitos da "Declaração Política" de 1946 por parte do Governo Britânico e, finalmente, o Plano Mountbatten, através do qual ficou decidida a divisão da Índia em dois países independentes — a União Indiana e o Paquistão, concretizada a partir de 15 de agosto de 1947.

Nesta introdução, é-nos ainda apresentado um resumo do desenvolvimento da economia da Índia, onde se acentua a importância relativa de cada uma das diversas atividades econômicas do país.

O corpo principal do livro é dividido em duas partes — a primeira, na qual é estudada a economia indiana nos dias imediatos à independência, e a segunda, onde tenta o autor prever os rumos dessa economia tendo em vista o desenvolvimento do país.

Dêste modo, na primeira parte, é estudada a produção agrícola da Índia com os seus principais problemas e analisadas, em profundidade, as estruturas econômicas e sociais das suas sociedades rurais.

Tal análise é digna de destaque, uma vez que o autor, utilizando um vasto material estatístico, obtido a partir de fontes oficiais indianas, consegue demonstrar, de modo inequívoco, como as estruturas agrárias da Índia representaram, no período logo após à independência, um poderoso freio ao desenvolvimento econômico do país.

Tal demonstração é feita com base no estudo das relações jurídicas de propriedade do solo e das modalidades do trabalho rural, e considerando ainda a influência exercida pelas populações rurais não-agrícolas e pelo sistema de castas na economia rural indiana.

A seguir, estuda o autor o desenvolvimento da produção industrial e a estrutura da indústria na Índia nos anos imediatos à independência. Para, logo após, em brilhante análise, onde o economista se confunde com o sociólogo, estudar a sociedade indiana, através de um perfil transversal, desde a alta burguesia, apoiada sobre o grande capital nacional e em oposição ao capital britânico invertido no país, passando pela pequena burguesia e chegando até o proletariado.

Através dessa análise, o autor evidencia a importância exagerada na economia da Índia, nos anos próximos ao de 1947, dos setores financeiros e comerciais em detrimento dos setores de economia agrícola e industrial.

Antes de terminar a primeira parte do livro, o Prof. Bettelheim dá-nos ainda uma visão geral da estrutura política da Índia naquela época, indicando as principais disposições da Constituição adotada e informando sobre o funcionamento da administração pública e dos partidos políticos, tentando caracterizar estes últimos através das suas posições ideológicas. E reconhece então a existência de três grandes grupos de forças políticas — o Partido do Congresso, situado ao centro e sofrendo as pressões da "oposição da direita" e da "oposição da esquerda", esta representada, fundamentalmente pelo Partido Comunista Indiano.

Na segunda parte do livro são estudadas as perspectivas da Índia em

função do seu futuro desenvolvimento econômico e social.

É então evidenciada a tendência da economia do país para um capitalismo de Estado e analisados, em detalhe, o primeiro e o segundo planos quinquenais, abrangendo o período compreendido entre os anos de 1951 e 1960.

Esta segunda parte do livro é, inegavelmente, a mais importante e nela se realçam as qualidades do autor, um dos mais competentes e conceituados especialistas mundiais no setor da planificação econômica.

Os planos quinquenais indianos nela são estudados não apenas nas suas características gerais mas ainda em função das ideologias econômicas que os definiram, das suas perspectivas e opções e da evolução dos investimentos provindos tanto do setor público como do privado.

Ao estudar a evolução da agricultura indiana, o autor informa-nos sobre as transformações sociais que se operam na Índia por força das reformas agrárias e mostra os resultados poucos positivos de tais reformas, desde que, em grande parte, não chegaram elas a ser realizadas, face a resistência dos grandes proprietários rurais e a complacência do Governo Indiano para com os mesmos.

No que se refere ao desenvolvimento industrial, estuda os fatores de tal desenvolvimento, a partir da vigência dos Planos Quinquenais, levando em conta o papel exercido pelos investimentos do Estado e pelos investimentos privados e evidenciando as consequências principais da expansão industrial — o aumento substancial dos lucros e a expansão do mercado financeiro.

Analisando as várias formas que assume o desenvolvimento industrial indiano, considera diversos problemas ao mesmo ligados, entre outros, o do financiamento do desenvolvimento, pela formação de capital resultante dos lucros a partir dos investimentos privados ou da receita pública e pelo apelo aos empréstimos oficiais no estrangeiro.

Nesse ponto, ao considerar as relações econômicas da Índia com os de-

mais países, explica a razão da fraca progressão das exportações indianas e informa-nos acerca das medidas tomadas para enfrentar as dificuldades causadas por uma balança de pagamento desfavorável e um conseqüente aumento constante da dívida externa do país.

Voltando a estudar a sociedade indiana, prende-se à análise da evolução de consumo individual médio, dos serviços sociais, do nível de vida dos assalariados agrícolas e industriais, da "classe média" e da alta burguesia, evidenciando o crescimento do denominado "Setor U" ("Upper-Class Sector") na sociedade indiana, ou seja um setor altamente privilegiado em função dos enormes lucros obtidos e proporcionados pelas circunstâncias estruturais da economia do país.

Antes de apresentar suas conclusões, o autor escreve sobre os choques sociais e a vida política na Índia, quinze anos após a independência. Acentua então a importância dos sindicatos e dos movimentos grevistas, e chama a atenção para a possibilidade de uma reestruturação das forças políticas em ação, principalmente, em face das contradições cada vez mais surgidas no seio do Partido do Congresso.

Por fim, apresenta o Prof. Bettelheim as suas conclusões. No domínio econômico considera que o desenvolvimento indiano não conseguiu até agora alcançar crescimento muito lento, apesar de ter tido crescimento, apesar de ter tido crescimento, provocando o agravamento de desproporções na sociedade do país. Chama a atenção para o maior desenvolvimento do setor industrial e demonstra que, no setor agrícola, os progressos têm sido insuficientes e não permitem à Índia enfrentar o aumento conside-

rável da demanda de produtos agrícolas, o que vem provocando o crescimento progressivo das importações de alimentos.

Quanto à evolução social demonstra o autor que as desigualdades sociais se agravaram em conseqüência da estagnação do nível de vida da grande massa da população, especialmente dos assalariados agrícolas, dos pequenos proprietários rurais e de grande parte do proletariado urbano, e do aumento da riqueza e do poder da alta burguesia. Acentua, porém, a importância do surgimento de uma certa forma ainda incipiente de capitalismo agrícola, responsável, no entanto, pelos poucos progressos verificados no setor da economia rural.

Ao referir-se às perspectivas econômicas da Índia, afirma que são as estruturas sociais e econômicas que limitam a produção e o mercado intenso e que condenam o desenvolvimento industrial a seguir uma direção pouco aconselhável ao desenvolvimento integral da economia indiana. E mostra a necessidade de virem elas a serem profundamente modificadas, a fim de permitir um desenvolvimento mais rápido do país. E prevê então que o agravamento das contradições sociais, problemas políticos novos irão forçar tais modificações.

Completa a obra em apêndice, um resumo do 3.º Plano Quinquenal da Índia, algumas notas biográficas e uma bibliografia detalhada, englobando não apenas obras gerais como também um vasto material informativo oriundo de fontes oficiais indianas.

Constitui pois o livro do Prof. Charles Bettelheim uma obra básica e de leitura obrigatória para todos aqueles que desejam estudar e conhecer a realidade indiana.

W.F.O.

ESTUDIOS ORIENTALES

VOL. III, NÚM. 3

REDACTORES

José T. Cintra, Graciela de la Lama, Omar Martínez Legorreta, María E. Ota Mishima, Kazuya Sakai, Ma Sen

INDICE

ARTICULOS

Shelomo D. Goitein

El comercio mediterráneo anterior a las cruzadas: algunos hechos y problemas

Robert Mantran

Evolución política y económica de los países árabes contemporáneos

Ma Sen

Lu Xun, iniciador de la literatura china moderna

Jorge Lozoya

El fascismo ruso en Manchuria

RESUMEN DE LIBROS

Norman Leitch, *Islam, Europe and Empire*. Por Robert Mantran — *Documents from Islamic Chanceries*. Por L. M. Kenny.

Nicholas R. Clifford, *Retreat from China; British Policy in the Far East, 1937-1941*. Por Miguel V. Olivera Giménez.

A. Comay y D. Yardén, *Complete diccionario hebreo-español*. Por Gerardo Molina Ortiz.

Frederick J. Streng, *Emptiness: A Study in Religious Meaning*. Por C. W. Johnson G. C.

Ernst L. Fraenkel, *Before aggression. Europeans prepare the Japanese army*. Por Abraham Talavera.

Redacción y administración:

El Colegio de México

Guanajuato 125

México 7, D.F.